

## Capítulo 2

# BELA E FORTE COLCHA DE RETALHOS: PARTICIPAÇÃO, AUTONOMIA E CONSTRUÇÃO COLETIVA

---

Patrícia Campos Chaves  
Geraldo José Coelho Ribeiro  
Joana D'arc Bittencourt Alves Parreira  
Carlos Eduardo Firmino  
Ana Paula Dias Guimarães  
Marcos Ferreira Benedito  
Myrtes Teixeira de Lima  
Mirna Flavia de Souza de Moraes  
Fernanda Álvares Alves Leite  
Victor Hugo de Melo  
Vanessa Almeida  
Elza Machado de Melo

### Resumo

*Este estudo é vinculado ao Projeto Para Elas. Por elas, Por eles, Por nós, cujos objetivos são capacitação de profissionais, organização de serviços e articulação de ambos em redes regionais e nacionais de Atenção Integral à Saúde da Mulher em Situação de Violência. No planejamento, muito se discutiu sobre dificuldades de apropriação dos conteúdos das capacitações pelos profissionais e de aplicação prática nos serviços onde atuam. Surgiram daí as premissas do projeto: marcas fortemente participativas, lúdicas e interativas com predomínio de oficinas, jogos e atividades grupais. Objeto deste estudo, a colcha de retalhos, atividade simples, mas carregada de significados, arraigados e atuais, com seu percurso itinerante que ia acolhendo e agregando simbolicamente pessoas e lugares, tinha o papel de expressar, concretamente, a construção coletiva*

*em andamento. Utilizaram-se observação participante nos eventos realizados em 12 municípios do Brasil e entrevistas semiestruturadas on-line com 735 participantes. A grande maioria avaliou a colcha como ação humanizadora, suficientemente potente para estimular reflexão crítica sobre saúde e abrir possibilidades de mudanças. Tais resultados implicam não a reedição da atividade, mas renovação do compromisso com práticas participativas e criação de mecanismos que, assim como ela, proporcionem aos participantes contemplação/consciência/compreensão do espetáculo que produzem ao exercerem sua autonomia.*

**Palavras-chave:** *Violência contra Mulher. Rede de Atenção. Construção Coletiva. Autonomia.*

## Introdução

A violência contra a mulher é considerada um problema de saúde pública e atinge diferentes classes sociais, origens, regiões, estados civis, escolaridade e raças. Constitui uma das principais formas de violação dos direitos humanos, pois atinge a mulher em seus direitos à vida, à saúde e a integridade física. O artigo 5º da Lei nº 11.340 – Maria da Penha<sup>1</sup> – diz que a violência doméstica e familiar contra a mulher é considerada qualquer ação ou conduta baseada no sexo, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial à mulher.

O relatório de pesquisa sobre a violência contra a mulher no Brasil, apresentado pela Comissão Parlamentar Mista de Inquérito do Senado Brasileiro em 2013, mostra que 34% das mulheres já sofreram algum tipo de violência e registra-se índice de 4,4 mortes para cada 100 mil mulheres, o que coloca o país na 7ª colocação no *ranking* mundial.<sup>2</sup>

A questão da violência contra a mulher vem sendo debatida nacional e internacionalmente, subsidiando a produção de uma série de documentos, declarações, decretos, leis, pactos e projetos que buscam regulamentar e propor ações para o enfrentamento dessa realidade. Destacam-se a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, a Política Nacional de Humanização e o Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência Contra a Mulher, que apresentou, em 2011, eixos estruturantes para a consolidação de uma política nacional, por meio da integração de políticas públicas em todo o seu território. Uma premissa essencial dessa proposta é a organização de um sistema integrado, regionalizado, descentralizado e democrático, contando também com a participação da sociedade civil.<sup>3</sup>

Nesse cenário, surge o projeto Para Elas. Por Elas, Por Eles, Por Nós /Atenção integral de saúde à mulher em situação de violência. A ideia de confecção de uma colcha de retalhos que pudesse representar simbolicamente o acolhimento e a agre-

gação dos atores sociais envolvidos – pessoas, profissionais, grupos, equipe, serviço, locais, etc. – tecida à medida que as atividades se desenvolviam surgiu como forma de expressão do processo de construção coletiva experimentado. A intenção foi que todos pudessem tomar consciência e se reconhecessem no que foi produzido e, na assinatura compartilhada da sua obra, revelassem, uns aos outros, sua autoria coletiva. A avaliação dessa atividade tão simples, mas carregada de significados arraigados na cultura brasileira que se entrelaçam agora com uma experiência atual, constitui o objeto do presente texto.

## Metodologia

Trata-se de estudo quali-quantitativo realizado com os participantes de diversas atividades do Projeto Para Elas. Por Elas, Por Eles, Por Nós, desenvolvido em várias localidades do Brasil sobre a experiência de confecção da colcha de retalhos. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: a) observação participante; b) entrevistas semiestruturadas *on-line* com os participantes da atividade.

A partir da observação participante, anotações, fotos, vídeos e depoimentos, membros da equipe do projeto acompanhavam e registravam, em todos os eventos realizados, o desenvolvimento da atividade de construção da colcha, desde o seu início, quando cada participante recebeu, na sua chegada, um crachá em tecido e crochê. Sendo esse um objeto destinado à identificação das pessoas, a escolha da cor, a assinatura nele do próprio nome e o uso por determinado tempo tinham o objetivo de personificar e dar a ele um caráter singular. Essa ação criava um clima de receptividade, promovia as primeiras interações e significava um convite que antecipava o tom de acolhimento do evento. Era uma proposta de aproximação, um “estar com” e “perto de” – uma atitude de inclusão.<sup>4</sup>

Os crachás eram utilizados ao longo do primeiro dia e recolhidos ao término das atividades. No segundo dia, iniciava-se a tessitura da colcha com os crachás de cada profissional, dentro do próprio evento, mediante o olhar de todos, representando, silenciosa e concretamente, o produto coletivo que ia tomando corpo. Este trabalho foi realizado por mulheres artesãs, moradoras das cidades onde os eventos do projeto ocorriam. Donas de casa, estudantes, trabalhadoras, usuárias da rede SUS ou membros de movimentos sociais, dos diferentes locais onde se realizavam o evento, com idades variadas, confeccionaram e costuraram os crachás. Traziam consigo e expunham, numa alegre conversação, os traços culturais, religiosos e peculiaridades dos contextos sociais e, dessa forma, acabavam por darem, em cada evento, uma nova feição à colcha de retalhos. Foi delas a proposta de customização, atividade que consiste em modificar, renovar uma peça de roupa ou objeto por meio de atividades manuais.

Com isso, cada grupo, nos diferentes locais onde as atividades do projeto eram realizadas, integrou um símbolo da cultura local, deixando na colcha as marcas daquele lugar.

Os símbolos culturais como as fitas do Bonfim, a palha do babaçu, as santas padroeiras, os emblemas foram aos poucos se agregando, interligando os nomes das pessoas, representando aspectos da história e da vida dos profissionais participantes. Estes, por sua vez, podiam também, se assim o desejassem, participar, em alguns momentos, desse trabalho, junto com as mulheres. Sendo assim, ao mesmo tempo em que eram chamados à construção da rede pela proposição de acordos e compromissos institucionais, também teciam a colcha, que materializava, com suas múltiplas diferenças, a síntese dialética de singularidade e coletividade característica de toda rede.

Ao final do evento, a colcha era apresentada como ação de encerramento dos trabalhos, contendo os nomes de todos os participantes e os símbolos da cultura local, trazida pelas mãos das mulheres que a costuraram e da equipe organizadora (Figura 2.1).



**Figura 2.1.** Colcha de retalhos do projeto “Para Elas”.

Fonte: relatório executivo do Projeto Para Elas.<sup>7</sup>

QR Code: Acesso à imagem colorida.

Para as entrevistas semiestruturadas sobre a experiência com a colcha, foram utilizados questionários eletrônicos, instrumento de pesquisa escolhido em virtude da distância das cidades onde as atividades do projeto foram desenvolvidas e da facilidade de acesso aos endereços de *e-mail* dos participantes. Atualmente, o uso desse tipo de ferramenta tem sido considerado muito semelhante metodologicamente à utilização de questionários autopreenchidos via correio ou por telefone, diferindo apenas na maneira como são conduzidos.<sup>5</sup>

O universo da pesquisa foi constituído pelos participantes das atividades presenciais do projeto Para Elas, num total de 12 eventos realizados até o momento de início

da pesquisa. Não foram incluídos no presente estudo quatro municípios de campo e floresta, a saber: Augustinópolis, Irecê e Registro – em razão dos prazos para confecção deste trabalho – e São Mateus, que sendo o primeiro deles teve metodologia e programação diferentes.

Para as entrevistas *on-line*, foram utilizados como critérios de inclusão: ter assinado as listas de presença e informado endereço eletrônico legível, sendo retirados os nomes repetidos. O processo de recrutamento dos participantes se deu pelo envio de cinco diferentes mensagens/convite por correio eletrônico, no período de abril a junho de 2014. Cada mensagem continha referências ao projeto Para Elas, à presença do participante nos eventos, ao objetivo da pesquisa e ao convite para preenchimento do questionário, com o *link* de acesso à plataforma *web FormSus/Datasus*. Essas ações podem influenciar no aumento dos índices de resposta, uma vez que contextualizam a pesquisa e geram mais confiança.<sup>6</sup>

O questionário utilizado continha perguntas fechadas correspondentes às seguintes variáveis: sexo, percepção sobre o uso do crachá para a confecção da colcha; importância da atividade da colcha; contribuição dessa atividade para sensibilização dos profissionais; utilização da atividade em outros eventos; aplicação da atividade em sua prática profissional. Apenas duas perguntas abertas foram incluídas no questionário: “o que você sentiu ao participar da atividade de confecção da colcha?” e “o que você sentiu ao ver seu nome agregado à colcha de retalhos durante a apresentação da mesma no encerramento do evento?” O questionário foi testado, *on-line*, com profissionais de saúde de Minas Gerais.

Para a criação de formulários, o armazenamento e a tabulação dos dados, foi escolhida a ferramenta FormSus, serviço do Datasus na *web*. Nele foi construída a máscara do questionário contendo questões fechadas e abertas. Um *link* de acesso foi criado pelo sistema e ao ser anexado ao *e-mail/convite* permitiu a cada participante acessar e responder *on-line* o questionário. Os dados informados eram gravados e armazenados em bancos de dados do sistema, que afinal gerou arquivo *Excel*. Posteriormente, os dados foram exportados para o programa *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*.

Para a abordagem quantitativa, como se trata de estudo censitário, foi realizada análise univariada, com distribuição de frequência. Para a abordagem qualitativa foi utilizada a análise hermenêutico-dialética, segundo a qual os dados empíricos são analisados de forma entrelaçada às formulações teóricas adotadas num processo circular e reflexivo em que teoria e informações empíricas se iluminam reciprocamente. A partir desse entrelaçamento, e considerando também os principais resultados quantitativos, foram definidas as seguintes categorias de análise: a) o símbolo da autonomia; b) a construção coletiva; c) humanização das práticas de atenção à saúde.

## Resultados

Nos eventos incluídos no estudo, houve a participação total de 1.200 profissionais de saúde ligados à atenção à mulher em situação de violência, sendo que a observação participante se refere ao conjunto deles. Quanto aos questionários *on-line*, após separar e descartar endereços em branco, incompletos e ilegíveis, foram enviados para 735 participantes, dos quais 311 o retornaram respondido. A Tabela 2.1 mostra o número de participantes por eventos. A grande maioria dos participantes é do sexo feminino (89,6%).

**Tabela 2.1.** Atividades presenciais do projeto Para Elas

Atividades*	Local	Participantes	Data	Nº por evento	Nº respondentes
Seminário Nacional	Belo Horizonte	Gestores da área de saúde da mulher, dos estados e capitais brasileiras	02/2013	339	109
Seminário Macrorregião Sudeste		Gestores da área de saúde da mulher, dos estados e capitais da região Sudeste	03/2013		
Seminário Macrorregional Nordeste	Salvador		05/2013	82	21
Seminário Macrorregional Norte	Palmas	Gestores e profissionais envolvidos na gestão da saúde da mulher de estados e capitais de cada macrorregião	06/2013	138	37
Seminário Macrorregional Sul	Curitiba		09/2013	93	37
Seminário Centro-Oeste	Goiânia		04/2014	101	31
Oficinas em municípios de campo e floresta	São Mateus-ES; Posse-GO; Quixadá-CE; São Lourenço-RS; Cruzeiro do Sul-AC; Santana do Matos-RN; Igarapé Miri-Pará; Augustinópolis-TO; Irecê-BA; Registro-São Paulo (nessa ordem de realização)	Autoridades, gestores e profissionais de várias áreas e setores, envolvidos na gestão e no cuidado da mulher em situação de violência	05/2013 a 06/2014	447	76

\* O projeto Para Elas desenvolve também atividades virtuais de capacitação; atividades de pesquisa e produção de material técnico-científico. Na Tabela estão representadas apenas as presenciais. Fonte: Relatório Executivo do projeto Para Elas<sup>7</sup>.

**Tabela 2.2.** Distribuição de frequências das variáveis estudadas

Variável		Macrorregionais		Campo e Floresta		Total (%)
		N	%	N	%	
Percebeu o uso do crachá para tecer uma colcha de retalhos durante o evento?	Sim	168	54	55	17,7	71,7
Você achou que a atividade da colcha de retalhos teve importância nos eventos do projeto Para Elas. Por Elas, por Eles, por Nós?	Sim	232	74,5	75	24,1	98,6
Você achou que a atividade da colcha de retalhos contribuiu para sensibilizar as pessoas para a construção da rede de atenção à mulher em situação de violência?	Sim	225	72,2	76	24,5	96,7
Como um dispositivo que propõe a aproximação das pessoas, você acha que atividades como a colcha de retalhos deveriam ser utilizadas em outros eventos?	Sim	233	74,8	76	24,5	99,3
Ao participar da atividade da colcha de retalhos, você pensou em replicá-la em sua prática profissional?	Sim	183	58,8	67	21,6	80,4

Fonte: relatório executivo do projeto Para Elas<sup>7</sup>.

## Discussão

### Símbolo de autonomia

*Senti que havia compartilhado algo com todos os presentes. Senti a grandeza do momento: a emoção de “estar junto”, de “estar com” sujeitos em um processo maior e que tinha um objetivo único. Foi mágico, foi emocionante (chorei...), revigorante. Abracei pessoas queridas, pessoas que não conhecia. Senti que a mudança seria possível. Me senti poderosa, empoderada... Senti que seria possível haver mudança no cenário da violência contra a mulher, a partir do entendimento do tema e de um trabalho coletivo, participativo, colaborativo (informação oral).<sup>a</sup>*

Observou-se, em todos os eventos, a criação de um momento único, verdadeiro e potente, que surpreendeu a todos, inclusive a equipe do projeto. Não se esperava tal efeito sobre as pessoas. Os participantes percebiam o significado da atividade e se envolviam com a proposta de forma afetiva. Ao buscar e perceber seu nome na colcha, o participante via-se como integrante e protagonista desse processo. Segundo Paulo Freire<sup>8</sup>, o homem chega a ser sujeito por uma reflexão sobre sua situação, sobre seu

a Participante nº 24, sexo feminino, Belo Horizonte.

ambiente concreto. Na medida em que cada participante refletia sobre seu papel na rede, suas possibilidades e limites na proposição de soluções para o enfrentamento da violência contra a mulher em sua região, surgiam maneiras criativas e produtivas de superar a realidade.

A ideia de que a ação, a interlocução e a atitude dos sujeitos ocupam lugar central nos acontecimentos<sup>9</sup> ficava clara e um sentimento de pertencimento fortalecia os vínculos formados entre os profissionais participantes. É essencial para a construção de uma rede que ela não seja apenas um arranjo organizado de serviços, mas também uma rede de afetos, em que os profissionais se reconheçam como sujeitos capazes de, no encontro com outros sujeitos, produzirem novas práticas de saúde. Representado tanto como indivíduo quanto como coletivo, cada participante podia se reconhecer como sujeito, autor de sua história e, a partir daí, transformar a realidade<sup>8</sup>, propondo estratégias e soluções para o enfrentamento da violência contra a mulher na sua região.

Entende-se por autonomia a capacidade do indivíduo de decidir sobre si e sobre sua vida. Segundo Freire<sup>8</sup> e também Onocko Campos e Campos<sup>10</sup>, o homem torna-se autônomo por meio de suas interações, como indivíduo inserido em um contexto social, cultural, afetivo e histórico. Trata-se de um processo coproduzido resultante da reflexão e ação crítica do sujeito sobre o mundo. A construção da colcha de retalhos, carregada de significados, permitiu a representação concreta da possibilidade daqueles profissionais de, no exercício de sua autonomia, construir coletivamente a rede. Expressando simbolicamente todo esse processo, permitiu a consciência sobre ele.

*Foi muito importante a confecção da colcha de retalhos por meio dos crachás... Na verdade foi tecida uma bandeira em defesa da mulher, quando todos os estados deram e continuam dando a sua contribuição. Gostei muito mesmo, pois são estas ações que vão contornando expressivamente e de forma marcante a bandeira de luta nos enfrentamentos pelos direitos da mulher (informação oral).<sup>b</sup>*

A colcha assumiu o lugar de símbolo que tem a característica “[...] excepcional de sintetizar, numa expressão sensível, todas as influências do inconsciente e da consciência, bem como das forças instintivas e espirituais, em conflito ou em vias de se harmonizar no interior de cada homem”<sup>11</sup>, p.16

Os dados quantitativos reiteram esse papel da colcha, a importância que os profissionais lhe deram e a associação de ambos com o reconhecimento da atividade como capaz de sensibilizar pessoas no processo de construção da rede. O intuito é utilizar experiências análogas na sua prática – ao fazer isso, esses profissionais já estavam exercitando seu protagonismo e sua autonomia:

---

b Participante nº 160, sexo feminino, Palmas.

*Participar da colcha foi me sentir incluída, inteira! Não apenas pensei como também utilizei em eventos para prevenção de agravo à saúde em quatro municípios na Bahia! Sucesso total! (informação oral).<sup>c</sup>*

Tive um sentimento de oportunidade, pertencimento a uma cidade, a um estado e a um país que se posiciona, que não está passivo, que reage, que é protagonista de sua história e quer mudanças, participa, contribui para que estas ocorram (informação oral).<sup>d</sup>

O homem se torna sujeito apenas se inserido em um contexto histórico e social e “quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la”.<sup>8, p.16</sup> Ao acompanhar a atividade da colcha de retalhos, era possível perceber que a consciência sobre a necessidade de união das pessoas para enfrentar a violência contra a mulher ia tomando forma. Os participantes ali envolvidos tomavam para si o compromisso de promover as ações necessárias e explicitavam o desejo legítimo de contribuir, gerando, num momento, fugaz, é verdade, mas significativo, um sentimento de corresponsabilidade:

*Ao ver meu nome na colcha, ao mesmo tempo me veio um sentimento de alegria, mas também de responsabilidade. Pois, ao fazer parte da rede é de suma importância para pensar e efetuar mudanças no processo de trabalho (informação oral).<sup>e</sup>*

Assumir responsabilidades faz parte do processo de conquista da autonomia, que é processo de amadurecimento construído ao longo da vida, em que no exercício dialético da ação-reflexão o sujeito toma consciência e torna-se corresponsável pelo mundo que o cerca e, então, age, gera cultura, forma rede e faz história.<sup>8,10,12,13</sup>

## A construção coletiva

A proposta é que gestores e profissionais da assistência à saúde da mulher, representantes dos três níveis governamentais, das áreas de educação, justiça, direitos humanos e setores da sociedade civil, reunidos, busquem a articulação de um projeto coletivo, construído de modo participativo que se expressou simbolicamente na construção da colcha. Essa era a intenção e o foi desde seu início, percebida pela maioria (71,1%) dos participantes:

*[Senti] que estava fazendo parte da construção de uma rede, de um projeto coletivo (informação oral).<sup>f</sup>*

---

c Participante nº 283, sexo feminino, Belo Horizonte.

d Participante nº 311, sexo feminino, Belo Horizonte.

e Participante nº 274, sexo feminino, Belo Horizonte.

f Participante nº 161, sexo feminino, Curitiba.

*Senti que a articulação necessária em busca de mudanças de atitudes de uma comunidade passa por redes de colaboração, com laços estreitos e realizados com ações sinérgicas, muito bem ilustradas pela atividade (informação oral).<sup>g</sup>*

*A colcha nos fala de algo relacionado à intersetorialidade (informação oral)<sup>h</sup>.*

A construção coletiva pressupõe que, para além da articulação de profissionais e setores, também seriam articulados afetos, espaços, saberes e estratégias de gestão, uma vez que o enfrentamento dos problemas se dá considerando-se as dimensões subjetiva e objetiva, inerentes em toda relação entre sujeitos e coletivos.<sup>14</sup> É no espaço do encontro que os sujeitos exercitam seu potencial de afetar e serem afetados em suas relações com os outros e com mundo. Esse regime de afetabilidade permite vivenciar experiências singulares que favorecem a produção de alianças éticas com a produção da vida.<sup>15</sup> Retratar esse processo num objeto concreto que alçou a condição de símbolo e contribuiu para a reflexão sobre ele permitiu expor aos olhos de cada sujeito a sua obra, para que ele reflita sobre ela e se reconheça nela.

A concretização da rede em formação pôde ser visualizada por meio do símbolo/colcha, em um momento de encontro entre todos os participantes, potente e capaz de gerar significados. Carregada de cores, nomes e símbolos culturais, a colcha trazia em si marcas individuais e coletivas, um registro vivo da proposta, tecido e exposto ali, diante de todos, pertencente a todos, enquanto os compromissos institucionais eram firmados. Poder “tocar, sentir a rede”, surpreender-se com ela, emocionar-se com o momento, tudo isso celebrava a força do trabalho coletivo:

*Uma nova forma de “tecer a rede” estimulou e motivou o público a entender a importância de lutar juntos, de unir forças (informação oral).<sup>i</sup>*

*Senti emoção ao ver que uma atividade vista por mim inicialmente como tímida e sem maiores desdobramentos tomasse uma proporção imensa e fisicamente registrasse a minha participação de forma definitiva (informação oral).<sup>j</sup>*

Segundo Jorge<sup>16</sup>, todo objeto produzido pelo homem é fonte de consciência, pois ao ver expressado nele seu mundo interno e representada a experiência vivida, encontra a si mesmo e, por sua capacidade de reflexão crítica, torna-se consciente. Em cada um desses encontros, a concretude da colcha/rede permitiu revelar, reflexivamente, a relevância e o papel de cada participante, o que desencadeou em cada um forte senso de pertencimento e de empoderamento, ingredientes necessários e propícios para a formação de laços e vínculos solidários entre os sujeitos integrantes da rede:

---

g Participante nº 133, sexo masculino, Belo Horizonte.

h Participante nº 29, sexo feminino, Belo Horizonte.

i Participante nº 291, sexo feminino, Curitiba.

j Participante no 133, sexo masculino, Belo Horizonte.

*Senti emoção; sentimento de pertencimento e cidadania! (informação oral)<sup>k</sup>.*

*Senti que eu faço parte da luta contra a violência e de qualquer tipo de situação que a mulher venha a sofrer. E que, juntas como estávamos na colcha, seremos imbatíveis! (informação oral).<sup>l</sup>*

## Humanização das práticas de atenção à saúde

Desde seu início, a atividade colcha de retalhos apresentou-se como uma proposta de ação humanizadora, pois se harmonizou com os princípios e valores da Política Nacional de Humanização (PNH), reiterando-os: valorização da singularidade dos sujeitos, sua autonomia e protagonismo; a corresponsabilidade; a construção de vínculos solidários, constituindo redes vivas de cooperação.<sup>9</sup> Essa política traz em si a proposta de novo modelo de atuação, valorizando as dimensões humanas e subjetivas nas práticas de atenção à saúde. Os diferentes sujeitos envolvidos nesse processo são chamados a protagonizarem as ações e estimulados em sua capacidade de produção de vida e saúde. Produzir saúde significa produzir sujeitos autônomos. Assim, a potência da construção e sustentação da rede está em cada sujeito que se sente inserido nesse contexto. A colcha produziu esse sentimento e os relatos são explícitos:

*Eu me emocionei diante do significado da colcha, da qual eu faço parte. Eu me vi diante de mim mesmo, diante de nós, fortalecida, acolhida, incluída, responsável. Senti esperança de possíveis mudanças, de que se concretize a humanização da gestão, da assistência e do trabalho em saúde. Eu faço parte desta história! (informação oral).<sup>m</sup>*

Para além dos acordos firmados, a humanização se dá no “[...] cultivo de uma prática ética em que o cuidado consigo, com o outro e com o mundo se faz quando cuidamos da dimensão coletiva e relacional de nossa existência”.<sup>15, p.162</sup> Essa foi a percepção de 99,3% dos participantes, que reconheceram na construção uma experiência que aproximou as pessoas e deveria ser utilizado em outros eventos.

Ao unir os participantes da rede, colocando lado a lado diferentes atores independentemente de sua categoria profissional, saberes e funções, foi possível simbolizar aspectos da construção coletiva da rede na lógica da humanização como intersetorialidade, troca de saberes, corresponsabilização e grupalidade:

*Senti que faço parte de “algo maior”, que sem meu nome, meu “pedaço” a colcha não estaria completa... que é preciso estar junto de outros nomes para humanizarmos cada vez mais nossas relações (informação oral).<sup>n</sup>*

k Participante no 163, sexo feminino, Salvador.

l Participante nº 05, sexo feminino, Quixadá.

m Participante nº 311, sexo feminino, Belo Horizonte.

n Participante nº 138, sexo feminino, Belo Horizonte.

Em síntese, a experiência é potente porque na sua simplicidade traduz significado profundo: “é no coletivo da rede SUS que novas subjetividades emergem engajadas em práticas de saúde construídas e pactuadas coletivamente, reinventando os modelos de atenção e gestão”.<sup>17, p.393</sup>

## Considerações Finais

A experiência da colcha de retalhos fez parte de uma série de ações desenvolvidas pelo projeto Para Elas. Por Elas, Por Eles, Por Nós. Construída ao longo da organização e execução das atividades do projeto, assim como o próprio objeto, sua metodologia e produção contaram com a contribuição de todos os envolvidos com a proposta, sendo aprimorada a cada evento.

Ao longo do projeto, a atividade mostrou-se significativa para todos os que dela participaram. Em certo momento, pode-se dizer que adquiriu vida própria. Após os eventos ela incorporou a singularidade de cada um dos profissionais incluídos no projeto, bem como vários aspectos culturais das regiões do país onde foi desenvolvida. Por meio dela, foi possível expressar, a partir da reflexão provocada em todos os participantes, a potência de cada um na construção de um coletivo carregado de significados. Esse movimento dialético entre o simbólico e o concreto, o singular e o coletivo, representado na colcha, fez dela uma ação efetiva e um símbolo legítimo na construção da Rede de Atenção Integral Saúde da Mulher em Situação de Violência.

## Referências

1. Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11340 de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências [Internet]. Brasília, DF; 2006. [acesso em 2016 dez 14]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm)
2. Brasil. Senado Federal. Secretaria Geral da Mesa. Secretaria de Comissões. Subsecretaria de Comissões. Subsecretaria de Apoio às Comissões Especiais e Parlamentares de Inquérito. Relatório Final: situação da violência contra a mulher no Brasil. Brasília: Senado Federal; 2013.
3. Brasil. Presidência da República. Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, Secretaria de Políticas para as Mulheres. Pacto nacional pelo enfrentamento à violência contra as mulheres. Brasília: Ideal Gráfica e Editora; 2011.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Acolhimento nas Práticas de Produção de Saúde. 2ª edição. Brasília: Ministério da saúde; 2006.

5. Vieira HC, Castro AE, Júnior Schuch VF. O uso de questionários via e-mail em pesquisas acadêmicas sob a ótica dos respondentes. XIII SEMEAD Seminários em Administração; 2010 ago 16-20; São Paulo (SP).
6. Gonçalves DIF. Pesquisas de marketing pela internet: as percepções sob a ótica dos entrevistados. Rev. Adm. Mackenzie 2008;9(7):70-88.
7. Núcleo de Saúde e Paz. Universidade Federal de Minas Gerais. Relatório Executivo do Projeto "Para Elas". Belo Horizonte (MG); 2013.
8. Freire P. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes;1979.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Humaniza SUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. 4ª Edição. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010.
10. Campos RTO, Campos GWS. Co-construção de autonomia: o sujeito em questão. In: Campos GWS, Minayo MCS, Akerman M, Júnior MD, Carvalho YMde, organizadores. Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p.669-688.
11. Ribeiro ES. Um estudo sobre símbolo com base na semiótica de Peirce. Estu. Semiót. 2010;6(1):46-53.
12. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª Edição. São Paulo: Paz e Terra; 1996.
13. Campos GWS. Cogestão e neoartesanato: elementos conceituais para repensar o trabalho em saúde combinando responsabilidade e autonomia. Ciênc. saúde coletiva 2010;15(5):2337-2344.
14. Santos Filho SB, Barros MEB, organizadores. Trabalhador de Saúde: muito prazer! Protagonismo dos trabalhadores na gestão do trabalho em saúde. Ijuí: Ed. Unijuí; 2007.
15. Neves CAB. Micropolítica do Processo de Acolhimento em Saúde. Estud. pesqu. psicol UERJ 2010;(1):151-168.
16. Jorge RC. O Objeto e a Especificidade da Terapia Ocupacional. 1ª Edição. Belo Horizonte: GESTO; 1990.
17. Barros RB, Passos E. Humanização na saúde: um novo modismo? Interface 2005; 9(17):389-394.